

Os desafios do Jornalismo no combate à desinformação e o letramento digital pelos atores sociais¹

Karen Miranda RODRIGUES²
Vanessa Maria de Carvalho SILVA³
Marco Antônio de Oliveira TESSAROTTO⁴
Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI

RESUMO

O jornalismo se depara com novos agenciamentos jamais previstos em seu modelo produtivo, as tecnologias abarcadas pela inteligência artificial (Prado, 2022) estabeleceram outros protocolos de negociação entre produtores e consumidores. Para tanto, observamos o acontecimento das inundações do Rio Grande do Sul e como o jornalismo se depara com narrativas e máquinas que recortam realidades e estabelecem interações com/entre humanos. O jornalismo, segundo a revista Obercom (2021), não estava preparado para o enfrentamento deste cenário: como o jornalismo pode se transformar neste porta-voz de preservação do factual, da apuração à enunciação do acontecimento? Neste sentido, recorreremos ao caso midiático (Ford, 1999) e do letramento midiático (Freire, 1964; Guimarães, 2014) que apresenta subsídios para o enfrentamento da fragmentação do conhecimento e da informação.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Amadores-Profissionais; Desinformação; Inteligência artificial

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da desinformação acompanha o crescente processamento das informações pelos dispositivos interacionais. Nessa perspectiva, Costa (2018, p.23) afirma que “o jornalismo perdeu o protagonismo de ser porta voz da informação, pois as redes sociais proporcionaram ao público a possibilidade de produzir conteúdo e disseminá-lo pela rede”. Este comportamento, de compartilhamento e publicação de informações por qualquer indivíduo criou uma esfera de “profissionais” amadores que segundo Costa (2021) possuem acesso às mesmas ferramentas, fontes, recursos e informações dos jornalistas, alterando a

¹Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante de Graduação 7º semestre do curso de Jornalismo da UESPI-CPBA, e-mail: kmirandar@aluno.uespi.br.

³Jornalista e recém-graduada do curso de Jornalismo da UESPI-CPBA, e-mail: vanessacarvalhosilva@aluno.uespi.br.

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UESPI, Picos, PI, e-mail: marcoantoniodoliveira@pcs.uespi.br

cadeia noticiosa, mas também propiciando um aumento da disseminação de notícias descontextualizadas e/ou enganosas, sejam elas intencionais ou não.

Este fenômeno, de temporalidades mais efêmeras e aceleradas, tornou visível uma das problemáticas vivenciadas pelo uso intenso das tecnologias e das plataformas, a exemplo do *Instagram* e do *TikTok*. O jornalismo e a sociedade são parte de uma mesma realidade integrada por um processo temporal objetivo. Com essa assertiva, o jornalismo se configura a partir desta dualidade: por um lado, modelo de negócios e de normatização do factual (modo de produção industrial da notícia) e, do outro lado, revela um lado mais subjetivo que se expressa na ação humana de transmitir e/ou comunicar algo a alguém (interlocutor), de ser testemunha ocular de um fato, fonte colaborativa para a imprensa. Esta segunda visão, porta consigo uma vertente crítica da realidade.

1.1 Contextualizando a problemática

Para Stuart Hall (2006), a globalização veio para congelar uma parte das certezas humanas, de pertença a um local ou grupo social que são dissolvidas e colocadas em oferta por um fluxo descontínuo e repleto de fraturas. No Brasil, o jornalismo digital vivenciou suas primeiras experiências na internet, através dos portais de informação que surgiram na década de 90, as quais influenciaram diretamente na reconfiguração da prática jornalística e de sua rotina produtiva. Segundo Canavilhas (2001), o desenvolvimento digital introduziu rotinas e linguagens jornalísticas diferentes, pois o jornalismo impresso, radiofônico e televisivo passou a utilizar linguagens adaptadas às características da internet. Das primeiras experimentações, até as últimas produções realizadas em uma mídia digital, o jornalismo experienciou inúmeras transformações em sua estrutura.

Nesse cenário, o fenômeno dos usos e apropriações dos dispositivos e meios interacionais virtuais evoca a noção de Serge Proulx et al (2016) que analisa o complexo cenário das digitalizações como mais uma mutação do capitalismo imaterial. O contexto retratado desenhou a seguinte pergunta-problema: Como o jornalismo pode trabalhar com aspectos de letramento e de cidadania em tempos de desinformação e inteligência artificial⁵?

⁵Magali Prado (2022) esclarece a complexidade do tema e das implicações éticas do uso da IA no jornalismo e, ao mesmo tempo, percebe o modelo produtivo da informação marcado por acelerações dos ritmos/ritos de construção da notícia. Os desafios para os pesquisadores da área do digital é a descrição de um fenômeno marcado por incertezas, antagonismos internos e pluralidades (atores/instituições/mídias canônicas). Outro ponto discutido é que os algoritmos e a ética funcionam baseadas nas próprias escolhas que fazemos, desenhamos e projetamos nas máquinas. Sobre o tema da inteligência artificial, em discussões na 6ª Semana da Comunicação

Neste sentido, o objetivo geral busca descrever o papel do jornalismo na atuação e combate à desinformação no caso das enchentes no Rio Grande do Sul e, de forma específica, analisar a importância dos coletivos de mídia alternativa (Aos Fatos) e do currículo dos cursos de Jornalismo e sua necessária atuação na educação básica utilizando os preceitos da educomunicação.

Quando falamos na proposta de “atuar contra a desinformação” significa dirimir os efeitos dos fluxos erráticos das plataformas que gera desinformação, intentamos reverter a lógica da notícia/informação que é propositalmente apartada de sua cena, contexto, personagens, lugares, temporalidades. Ao observar este esfacelamento do saber, apresentamos como proposta de decodificação das informações, o uso do lide da notícia com suas perguntas norteadoras: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?. O lide é uma unidade de pensamento que introduz, resume e fornece explicações para situar o leitor (Jorge, 2008). Além disso, este texto “dá ênfase à parte principal da notícia, colocando-a em primeiro lugar” (Jorge, 2008, p.132).

A falta/ausência deste exercício na fase da educação básica, na contemporaneidade, revela tais afetações no meio social e no campo do jornalismo que passa a ser atravessado por essa atorização subsidiada por ferramentas de Inteligência Artificial. Nesse contexto, o acontecimento das inundações no Rio Grande do Sul, em maio de 2024, fez suscitar questionamentos sobre o uso destas ferramentas e de seus recortes “descontextualizados” da realidade, a exemplo do caso do “helicóptero da Havan”, produzido por IA e compartilhado pelos atores sociais.

Imagens 1 e 2 - Uso da inteligência artificial na geração de imagens



da UESPI em Picos-Pi, Ivan Pagonotti (2024), afirmou que o desafio consiste em fazer com que os atores sociais não compartilhem tais informações e as redes sociais impulsionam o fenômeno das fakes por apresentarem um formato que permite a autoria/fonte oculta destas informações postadas.

Fonte: Estadão Verifica⁶, 2024.

O segundo caso, aborda o papel das agências de verificação trazendo, como exemplo, o Estadão⁷ que publicou na seção “Estadão Verifica” uma nota esclarecendo uma *fake news*/desinformação envolvendo a imagem de uma cesta básica publicada pelo vice-presidente da república, Geraldo Alckmin, em uma rede social. A mesma imagem foi apropriada e alterada por outros atores, sendo retirada de contexto.

Imagens 3 e 4 - Polêmica envolvendo doações aos desabrigados pelas cheias no RS

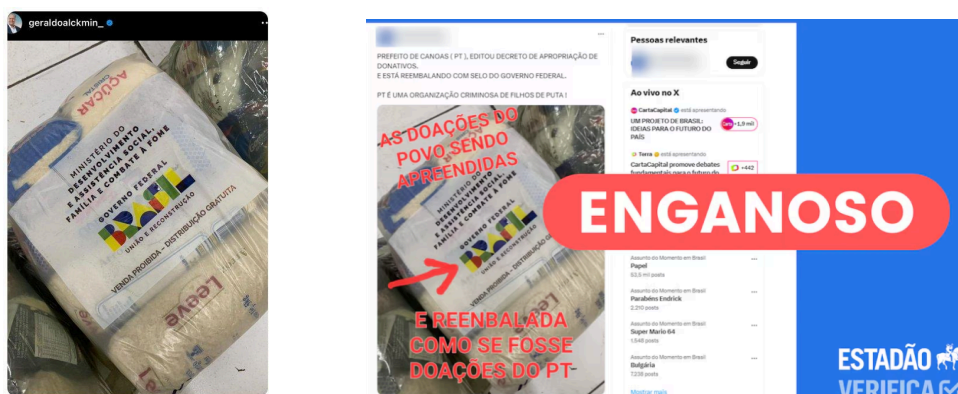


Imagem à esquerda, registrada pelo vice-presidente, retrata a compra de cestas básicas pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). À direita, um ator social se apropria da imagem original, a retira do contexto e a formata/modela em uma nova narrativa: “As doações do povo sendo apreendidas e reembalada como se fosse doações do PT”.

Dos autores, 2024

Os casos retratados reportam que os processos de produção do “real” pela máquina são cercados por lacunas que fazem parte de sua natureza: recolher fragmentos e recompor em uma nova síntese artificial da realidade. As imagens construídas por algoritmos e/ou apropriadas por atores sociais realizam esforços na recomposição de fatos e que necessitam de letramento visual (Freire, 1964) para o desvelamento completo do contexto/intencionalidades. Os “vazios” da IA podem ser encontrados no plano de fundo ou por meio de perguntas-geradoras: O que aquela imagem deseja comunicar? Quais são suas intencionalidades? Que lugar/cenário é este?

⁶Imagens retiradas do portal “Estadão Verifica”, disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/foto-helicoptero-havan-rio-grande-sul-ia/>. Acesso em 24 de junho de 2024.

⁷Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/doacoes-reembaladas-governo-decreto-canoas/>. Matéria publicada em 14 de maio de 2024. Estadão Verifica. Acesso em 24 de junho de 2024.

A checagem de fatos é uma estratégia fundamental no combate à desinformação, pois visa desvendar a veracidade das informações veiculadas, proporcionando aos indivíduos, dados confiáveis para embasar suas opiniões e decisões⁸. A implementação de um modelo que una as técnicas do jornalismo (lide noticioso) e da educação (educomunicação/problematização/leitura de mídia/crítica de mídia) possa forjar as habilidades necessárias para ampliação de saberes e uma visão mais construtiva da comunicação e de seus produtos.

1.2 Leitura de imagem e esticadores de horizontes⁹: inundações das águas e das fakes news no Rio Grande do Sul

A partir da década de 1960, os recursos audiovisuais utilizados na educação de jovens e adultos estimularam diversos pesquisadores da educação a inovarem nesta área. Um destes foi Paulo Freire que fez uso do epidiascópio, aparelho que projetava imagens/desenhos estáticos com o objetivo de apresentar “conceitos básicos visualmente codificados”. As imagens projetavam a relação dos seres humanos com o mundo; da natureza com a cultura; da transformação da natureza pelas mulheres e homens; dos padrões de comportamento; do ser humano como produtor de cultura. As ilustrações foram construídas e desenhadas pelo artista plástico pernambucano Francisco Brennand.

Imagens 5 e 6 – Fichas de Brennand utilizadas nos círculos de cultura

⁸“unpublished observations”. MIRANDA, Karen. **Algoritmos e bots contra a desinformação**: o papel da “Fátima” do portal “Aos Fatos” na identificação de informações falsas. Universidade Estadual do Piauí. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC 1, a ser defendido em novembro de 2024.

⁹O termo "esticador de horizontes" foi inserido no contexto de uso da Metodologia Incluir para Transformar em função da necessidade de adaptar as formações e processos pedagógicos aos momentos remotos que surgiram na pós-pandemia. A palavra está intrinsecamente ligada à cultura digital, no que diz respeito à ampliação dos conteúdos tratados no vídeo ou em outro suporte. Inicialmente foi aplicada no "Projeto de Vida" e depois, nos novos materiais do Telecurso. Sobre os novos materiais pedagógicos e programas de regularização de fluxo, a exemplo do Programa “Chegando Junto”, da Prefeitura Municipal de Salvador em parceria com a Fundação Roberto Marinho podem ser acessadas no site: <<http://educacao3.salvador.ba.gov.br/programa-projeto/chegando-junto/>>, acesso em 15 jul. 2024.



Fonte: Francisco Brennand, 1962

As imagens projetadas e as reflexões suscitadas faziam parte dos círculos de cultura, processo este, em que Paulo Freire utilizou como método de alfabetização de jovens e adultos. Este método tinha por objetivo fazer com que o aprendente fosse “(...) capaz de ler a palavra **[que]** está intimamente ligado a ser capaz de ler o mundo (...) e que envolvem a vida das pessoas, para visualizar como essas condições devem ser transformadas” (Guimarães, 2013, p. 93, inclusão nossa). Neste sentido, nos círculos de cultura, as imagens expostas pelo epidiascópio “eram o elemento detonador do processo de análise da realidade” (Guimarães, 2013, p. 93). E, a partir destas reflexões e pontos de vista, o educador acompanhava o processo de letramento das imagens exibidas, fazia perguntas e estimulava os alfabetizandos a trazer para a conversa suas experiências pessoais sobre o tema abordado. Método este, em que sugestionamos, como alternativa e combate à desinformação: apresentar o texto/imagem retirada do contexto, utilizar as perguntas do lide da notícia e refletir sobre as intenções e condições materiais que fizeram circular àquela informação falseada.

Nesta direção, Paulo Freire afirma que a reflexão crítica é precedida pela própria pergunta e/ou situação problematizadora, neste sentido, “(...) é possível conduzir os educandos (**sujeitos**), a partir daquilo que sabem, no conhecimento de mundo falado por Freire, a construir saberes cada vez mais complexos” (Menezes&Oliveira, 2022, p. 19, inclusão nossa). A etapa de reflexão e ampliação dos saberes prévios é constituída pelo processo de leitura de imagem que compreende algumas dimensões, a exemplo da leitura e decodificação do mundo, explorando os contextos sobre a realidade a ser compreendida/explicada.

A complexificação do tema é trazido à tona e, a título de ilustração sobre o fenômeno da desinformação que, em tempos de crises se espalham com maior facilidade. O portal “A

Pública¹⁰”, em 16 de maio de 2024, noticiou que mais de 4,3 milhões de publicações desinformativas foram disseminadas por diversos meios/plataformas sociais sobre o acontecimento das inundações no Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

Ao iniciar o processo de investigação, o cientista procura “ler” em primeiro plano, o cenário do fenômeno comunicacional extraído e, em seguida, testa e realiza novamente a leitura do dado observado e, após completar o ciclo, avalia o processo e observa os avanços e descreve o que ascendeu do “senso comum” e o precisa ser retomado para “apurar/delimitar” o problema do objeto da pesquisa. Os indícios trazidos à priori se baseiam no paradigma indiciário (Braga, 2008), onde busca-se esclarecer que o caso pretende revelar as percepções dos fenômenos associados e, através de articulações entre outros indícios, construir inferências sobre o comunicacional descrito.

O processo observacional da pesquisa e a busca pela causalidade do tema objetivam alcançar um corpus normativo capaz de problematizar um dado caso, detectando/verificando como as normas/performances internas das ofertas seguem adiante, ante uma estrutura ambiente e ecologia da cultura na atualidade. Para compreensão desse fenômeno, evocamos Aníbal Ford (1999) e seus encaminhamentos para se pensar na causalidade das marcas, entendidas como conjunto de casos que se referem a *corpus* normativo ou um tópico narrativo se inscreve em diversas tradições” (Ford, 1999, p. 247). O estudo de caso apresentado reuniu e sistematizou informações sobre a ocorrência do acontecimento das inundações no Rio Grande do Sul, em maio de 2024.

Neste estudo de caso, foi adotada a abordagem multimetodológica da netnografia (Kozinets, 2014) que descreve as ações e possibilita uma cartografia de atualizações e de temporalidades no sentido de revelar elementos que descrevem e respondam a pergunta e os objetivos estabelecidos neste resumo. Para o propósito deste trabalho com o uso de casos, a escolha da netnografia se justifica pelo conjunto de características específicas, a sua análise é naturalista (surge de forma espontânea no ambiente virtual, em páginas disponíveis na internet); imersiva (reflexão do objeto de estudo a partir de casos); descritiva (retrata determinadas realidades, a exemplo da disseminação de fake news no acontecimento

¹⁰Nota disponível em: <https://apublica.org/nota/rio-grande-do-sul-mentiras-sobre-cheia-envolveram-43-mi-posts/>. Publicação em 16 de maio de 2024, acesso em 17 de jul. de 2024.

retratado). O fenômeno escolhido pretende lançar “luzes” e reflexões sobre o trabalho do jornalismo no combate à desinformação.

No presente caso, nos aportamos a partir dos acontecimentos do “helicóptero da Havan” e das cestas básicas doadas pela CONAB, pois, neste caso, apresentam uma problemática destes tempos atuais do jornalismo. Nos interessa entender que a natureza da incompletude da IA nos endereça na necessidade da leitura crítica do contexto da informação codificada pela imagem e que necessita ser decodificada pelo leitor. Reconhecemos que, o jornalismo enquanto instrumento de normatização do factual possui limitações para se contrapor ao fluxo das notícias falsas compartilhadas pelos atores sociais. Deste fenômeno, observamos o papel das agências de notícias que fazem uso de algoritmos de checagem das informações e, a partir da aplicação da IA no *fact-checking* promovem um ambiente informacional mais confiável, proporcionando aos indivíduos dados confiáveis para embasar suas opiniões e decisões, dentro dos limites de aprendizagem do algoritmo.

2.1. Tensionando o objeto e sua problemática

Este artigo levanta discussões sobre o tempo do “turbo capitalismo” atravessado por lógicas de “tiktokização” da vida nas diversas esferas sociais, o que estava sedimentado, a exemplo dos preceitos do jornalismo canônico (apuração, contraditório) que passam a ser esfacelados pelas disputas entre amadores-celebridades e profissionais. A problemática apresentada alimenta desafios que são interpelados no ensino básico e que transbordam na educação superior. Qual o papel social do jornalismo e de seus profissionais? Como estabelecer ideias, argumentos e reflexões em terrenos arenosos e movediços?

O reflexo da falta de ação efetiva no ensino superior é atravessado pelas habilidades não desenvolvidas na educação básica. A título de informação, o documento da Base Nacional Comum Curricular (2018) cita a primeira competência específica das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas à etapa do Ensino Médio afirma que, o estudante ao:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BNCC, 2018, p. 572)

Possa ser capaz de:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais;

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 574)

Ao referenciar o documento da base para a construção de um quadro mais amplo, pode-se desvelar a complexidade do tema tratado, onde resgata-se habilidades que deveriam estar consolidadas na etapa da educação básica. As lacunas interpretativas decorrem da ausência da problematização e reflexão destas imagens/textos que circulam pelas redes sociais/plataformas. A problematização está baseada profundamente no pensamento de Paulo Freire que defendeu uma educação de perspectiva problematizadora do ensino que tem por objetivo desenvolver e valorizar a autonomia do pensamento, da reflexão e ação.

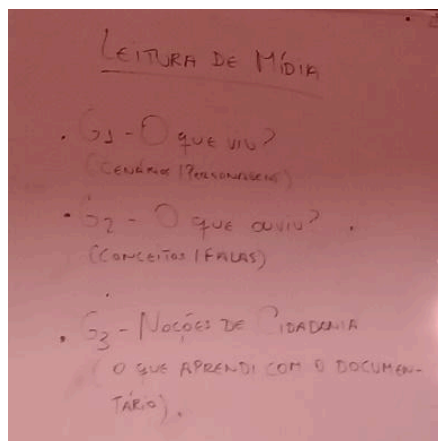
Neste propósito de apresentar uma experiência de letramento visual no ensino superior, destacamos a experiência vivenciada com a turma do 1º período do curso de Jornalismo na UESPI-CPBA no componente curricular de “Introdução à Comunicação”. Na vivência do último eixo, os estudantes foram convidados a refletir sobre a invisibilidade dos personagens negros/pretos na teledramaturgia brasileira com o documentário “A Negação do Brasil¹¹” de Joel Zito Araujo (2000). O documentário possui uma hora e meia de duração: como organizar e recuperar as principais ideias/reflexões presentes nesta produção audiovisual?

Com este objetivo, antes da exibição, a turma foi dividida em três grupos. Em sorteio no formato 1, 2 e 3, os estudantes se encontraram com seus respectivos pares. Os três grupos receberam orientações específicas sobre quais aspectos observacionais deveriam ser extraídos do documentário. O grupo **G1** ficou responsável por decupar os cenários/personagens/personalidades retratadas e o que cada um/a representou no documentário; o **G2** focalizou nas falas dos personagens e nos conceitos trabalhados. Por

¹¹Documentário “A Negação do Brasil” de Joel Zito Araujo (2000). Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=BjtxD2QTOk>. Acesso em 18 dez. 2023.

último, o **G3** tratou das noções de cidadania, a estabelecer reflexões sobre as aprendizagens adquiridas pelo grupo.

Imagens 7 e 8 – Exibição do documentário “A Negação do Brasil” e leitura de imagem/mídia direcionada



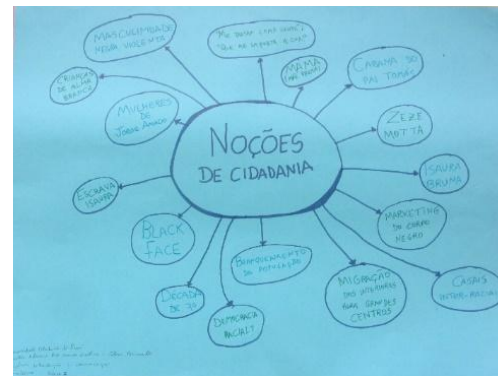
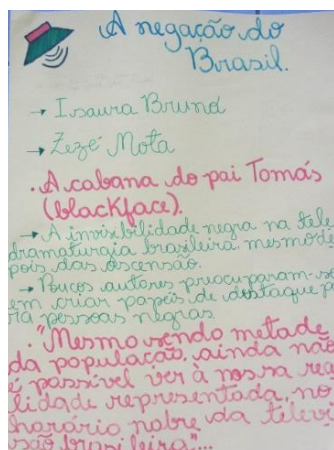
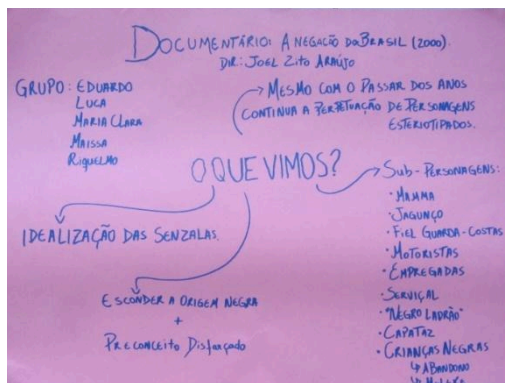
Fonte: Tessarotto, 2023.

Leitura de Mídia: G1 (O que viu?): cenários e personagens; G2 (O que ouviu?): conceitos e falas; G3 (Noções de cidadania): O que aprendi com o documentário.

Após a exibição e coleta das informações pelos grupos, os estudantes foram convidados a partilharem a produção do conhecimento em cartolinas/flip charters a serem apresentados na aula subsequente. Na elaboração dos materiais, os discentes foram instigados a utilizar e explorar os espaços físicos da universidade. Neste momento, o educador/mediador atua evocando as perguntas do lide da notícia pensadas em seu planejamento, explorando as reflexões do grupo, o debate das ideias e o posicionamento crítico de cada componente do grupo. Esta proposta fornece subsídios para uma diagnose e o desenho do perfil discente dos calouros do curso.

A construção coletiva das aprendizagens, do letramento imagético presente no audiovisual e reflexão das informações presentes em sua produção é o momento oportuno de encontro, da construção da escuta coletiva e do fortalecimento dos laços/ leituras e visões de mundo que cada discente porta consigo.

Imagens 9, 10 e 11 – Socialização das aprendizagens



Produção dos estudantes: à esquerda (G1); ao centro (G2); à direita (G3).
Fonte: Tessarotto, 2023.

Esta autonomia é marcada por experiências que estimulam a responsabilidade e a liberdade do sujeito, ultrapassando uma mera leitura de palavras, mas que possam forjar as condições materiais para uma visão crítica de mundo. Neste aspecto, sugestionam-se uma proposta/plano de atuação que une as técnicas do jornalismo com seu líder noticioso e da educação com a leitura de mídia/crítica de mídia. Pretende-se que, a partir deste encontro, suscite aos futuros profissionais da comunicação, o ensejo de contribuir para ampliar saberes e uma visão mais crítica da realidade junto aos educandos/educadores da educação básica a respeito da comunicação e de seus produtos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo refletir sobre as novas condições do trabalho do jornalismo diante de um cenário marcado por fragmentos e descontextualizações. Deste cenário, observamos a atuação de organizações especializadas, a exemplo do portal “Aos Fatos” que desempenha um papel fundamental na apuração minuciosa de informações nocivas espalhadas nas redes e entre os atores sociais. No exemplo mencionado acima, o portal oferece informações verificadas e embasadas para a sociedade, contribuindo para a manutenção da integridade do debate público e o combate à desinformação, utilizando o chatbot “Fátima” para interação com os usuários.

O trabalho descreveu e sugestionou ainda, a aplicação do método de letramento midiático para atenuar as afetações destes tempos marcados de “tiktoktização” das experiências humanas, onde a sala de aula dos cursos de Comunicação Social, possa se

transformar em laboratórios e instrumentos efetivos de reconstrução dos fragmentos de contextos da informação, atuando em projetos na educação básica, nas etapas do Ensino Fundamental 2 e Médio.

A construção coletiva das aprendizagens, do letramento imagético presente no audiovisual e na reflexão das informações presentes em seus materiais/produtos é o momento oportuno de encontro, da construção da escuta coletiva e do fortalecimento dos laços/ leituras e visões de mundo que cada educando porta consigo.

Aqui, vale ressaltar que a atuação das plataformas de *fact-checking* exige o entendimento do usuário acerca das limitações presentes nos bancos de dados de suas respectivas plataformas de mídia/internet logo, o enfrentamento de suas incompletudes e no acesso (usabilidade, termos a serem utilizados, saber fazer as perguntas a máquina) e as práticas de ensino (educomunicação) sobre as nuances da desinformação podem suscitar uma melhor aplicação/vivência destas ferramentas ainda em desenvolvimento e que provocam ruídos.

Para além dos esforços do jornalismo e da comunicação, nos interessa apresentar encaminhamentos para discutir e refletir sobre o currículo dos cursos de Comunicação Social para que, possam contemplar em sua grade curricular, disciplinas práticas de educomunicação em escolas de educação básica, auxiliando estes docentes em projetos extracurriculares para o letramento visual e de crítica da mídia com os educandos.

Ao resgatar contextos, exercitando os princípios do jornalismo representados pelo lide da notícia (Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?) e recorrendo a uma sequência didática da leitura de mídia/letramento audiovisual possamos forjar as condições necessárias e simétricas para o enfrentamento à desinformação e descontextualização do conhecimento, estabelecendo os pactos necessários entre a comunicação e a educação com objetivo de sedimentar saberes e reconstruir os fragmentos dos contextos esfacelados pelos “tempos de turbilhão” dos dispositivos móveis com seus algoritmos acoplados. Ao educador/a, resgatar contextos é exercitar os princípios do jornalismo representados pelo lide da notícia recorrendo à sequência didática da leitura de mídia/letramento audiovisual para o enfrentamento à desinformação e descontextualização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 2, p. 73–88, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CANAVILHAS, J. M. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Portugal: Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação, Universidade de Beira Interior, 2001. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

COSTA, L. M. da S. **O jornalismo digital e as fake news**: Um estudo das plataformas digitais de fact-checking “Lupa” e “Aos Fatos”. 103f. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual do Piauí, Picos, 2018.

COSTA, R. M. de B. **Jornalismo e mídias digitais**: A utilização do Facebook e do Instagram para a produção e distribuição de notícias no portal Cidade Verde. 2021. Dissertação. (Mestrado em Comunicação): Universidade Federal do Piauí - UFPI, Teresina, 2021, 262 p.
FORD, Aníbal. **La Marca de la bestia**: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporânea. La exasperación del caso. Algunos problemas que plantea el creciente processo de narrativización de la información de interés público. **Cidade**: Grupo Editorial Norma, 1999. p. 245-285.

GUIMARÃES, Vilma. **Incluir para transformar**: metodologia telessala em cinco movimentos. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JORGE, T. de M. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, 194 p.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Peso, 2014, 202 p.

LOURENÇO, Cleber. **Rio Grande do Sul**: De culpados a cheia intencional, inundação é tema de 4,3 mi de mentiras. A Pública. 16 de maio de 2024. Disponível em: <https://apublica.org/nota/rio-grande-do-sul-mentiras-sobre-cheia-envolveram-43-mi-posts/>, acesso em 20 jun. 2024.

MEC. Base Nacional Comum Curricular, BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 15 jul. 2024.

MENEZES, Luiz Maurício Bentim da Rocha&OLIVEIRA, Selma Maria de. **Sala da aula invertida**: Emancipação de mestres e aprendizes à luz das teorias de Freire e Rancière. Educação Revista, v. 47, UFSM, Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/2815>, acesso em 11 fev. 2024

MIRANDA, Karen. **Algoritmos e bots contra a desinformação**: o papel da “Fátima” do portal “Aos Fatos” na identificação de informações falsas. Universidade Estadual do Piauí. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC 1, a ser defendido em novembro de 2024.

OBERCOM. **Algoritmos e notícias**: a oportunidade da inteligência artificial no jornalismo. Portugal, out. 2021. Disponível em: <https://obercom.pt/algoritmos-e-noticias-a-oportunidade-da-inteligencia-artificial-no-jornalismo/>, acesso em 25 maio 2024.

PRADO, Magaly. **Fake News e Inteligência Artificial**: O poder dos algoritmos na guerra da desinformação. São Paulo: Edição 70, 2022.

PROULX, Serge et al. **Mediatização e redes digitais**: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados. Santa Maria: FACOSUFMS, 2016.